



## **EDUCAÇÃO AMBIENTAL, CULTURA E HISTÓRIAS DE VIDA: O MOVIMENTO PARA REVITALIZAR UM RIO**

Nelma Baldin - Univille  
Agência Financiadora:

Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica de Santa Catarina - FAPESC

**Resumo:** O estudo trata das ações de pesquisa - educativas e culturais voltadas para o desenvolvimento da cidadania e ao respeito ao meio ambiente - aplicadas na comunidade de Pirabeiraba (Joinville – SC), que ocupa área de bacia hidrográfica. O objetivo do estudo visou concentrar esforços na revitalização do rio mais importante dessa bacia, o rio do Braço, que está morrendo. As ações levaram ao modo de vida da população e aos problemas ambientais enfrentados pela comunidade quanto à vida do rio. A pesquisa colheu subsídios para atuação em diferentes campos: ações culturais e didático-pedagógicas – e os dados foram colhidos por meio de entrevistas individuais aplicadas a idosos da comunidade (levantamento de “histórias de vida”). As histórias de vida dos antigos moradores locais (imigrantes alemães), buscam reconstruir a história da convivência homem e ambiente, visando evitar futuros desastres ambientais e também a revitalização do rio do Braço.

**Palavras Chave:** Histórias de Vida; Educação Ambiental; Bacias hidrográficas.

### **1. INTRODUÇÃO**

Trata-se, aqui, de uma pesquisa que relacionou a Educação Ambiental com a História Ambiental. Essa pesquisa foi realizada na comunidade que ocupa a bacia hidrográfica do Rio do Braço, nos limites do Distrito de Pirabeiraba, no município de Joinville, Estado de Santa Catarina, tanto no referente à área localizada na zona urbana, quanto à área da zona rural da comunidade estudada. O objetivo geral da pesquisa centrou-se na reconstrução histórica da convivência dos habitantes de Pirabeiraba com o seu meio ambiente e na discussão de ações culturais, educativas e de cidadania ali desenvolvidas em relação à proposta de revitalização do rio do Braço. O rio do Braço é o rio mais importante da localidade e está morrendo em vista das conseqüências das ações do homem.

Durante a execução da pesquisa estudou-se os fundamentos teórico-metodológicos de sustentação da proposta e foram executadas, na comunidade, ações educativas e culturais (ações de Educação Ambiental) tanto às crianças das escolas públicas locais, como em diálogos reflexivos com os moradores da região. Principalmente, esses diálogos aconteceram após a análise dos resultados da pesquisa

advindos da aplicação de entrevistas com moradores locais (idosos), que relataram as suas “histórias de vida”.

Os estudos foram embasados conforme a nova perspectiva da história para os tempos que ora adentramos, a história ambiental e nas lições da Educação Ambiental. Segundo Guimarães (2003), na atualidade cabe à Educação Ambiental o importante papel de introduzir a percepção ambiental para o ser humano e sua integração com o meio ambiente. Os trabalhos foram executados com os procedimentos metodológicos da pesquisa qualitativa (centrada na análise crítica dos resultados) e fundeou-se as atividades da pesquisa com as entrevistas realizadas.

No estudo, portanto, foram desenvolvidas ações técnicas, metodológicas e de fundamentos teóricos de pesquisa que levaram à coleta de informações sobre a história, a vida da população da comunidade onde a pesquisa foi aplicada e, também, sobre a observação dos problemas ambientais que essa comunidade vem enfrentando. Como se depreende da leitura de Minayo *et al* (2007), em pesquisa qualitativa a ação metodológica direta não é uma observação comum, mas está voltada para uma questão previamente definida. Nesse entendimento, num trabalho de desenvolvimento de ações conjuntas com a comunidade, levantaram-se formas (modelos) de como atuar diretamente nesses problemas, apontando-se possibilidades e encaminhamentos para soluções.

Todavia, mais do que ressaltar a metodologia da pesquisa, o presente texto busca enfatizar o objeto de estudo: a história do rio do Braço, uma vez que o objetivo da pesquisa estava direcionado para encontrar possibilidades de revitalização das suas águas. Assim, a história do rio do Braço foi revisitada pelos entrevistados desde os memoráveis tempos em que as suas águas eram caudalosas, cristalinas e cheias de espécies de peixes, chegando aos dias de hoje, quando as águas estão escassas e barrentas. E, num sentido figurado, para melhor expressar a sua realidade pode-se dizer que as águas do rio do Braço estão “morrendo”.

O texto, portanto, trata de um estudo que levantou as histórias de vida de antigos moradores do Distrito de Pirabeiraba (imigrantes – ou seus descendentes - alemães que chegaram à região com o objetivo de “colonizá-la”), buscando reconstruir o ambiente histórico da convivência homem, natureza e ambiente. Portanto, trata-se aqui de um estudo das narrativas do passado, mas que estão emolduradas com o signo do presente e que se voltam para o futuro. Ou, numa outra expressão, buscou-se levantar dados para

uma “outra história” (Hobsbawn, 1990, p.18); para aquela história que foi possível construir a partir das informações coletadas com as entrevistas.

### **1.1) Situando Pirabeiraba**

A vila sede de Pirabeiraba, situada na região norte do Município de Joinville, “foi fundada em 1859 com o nome de Pedreira em homenagem ao primeiro donatário das terras da localidade, o engenheiro baiano Luiz Pedreira de Couto Ferraz” (SCHMLZ, 1989, p. 1) . Segundo Schmlz (1989, p. 4), bem mais tarde (1944) a vila passou a chamar-se “Pirabeiraba” em vista do nome do rio que corta a área (o rio Pirabeiraba) que, na língua dos indígenas Guaranis que povoavam a região quando dos inícios da colonização, significa “peixe brilhante”.

A população colonizadora era predominantemente de origem alemã, com contribuições de parcelas de suíços e noruegueses. Agricultores, em breve tempo transformaram a paisagem agreste e florestal em campo de produção agro-pastoril que, aos poucos, deu lugar à introdução da indústria familiar para, posteriormente, vir a desenvolver-se nos campos econômico e social.

Situada em ponto estratégico, a antiga Vila Pedreira tornou-se num elo de comunicação e passagem obrigatória para quem deixasse a primitiva Colônia Dona Francisca (hoje Joinville) rumo à Curitiba (na vizinha Província do Paraná) e ao planalto norte de Santa Catarina. Além, ainda, de ter-se tornado entreposto comercial importante, considerando-se que ali se concentrava todo o movimento econômico de exportações dos produtos coloniais da zona rural ou da sede da Colônia Dona Francisca e que seguiam em direção ao norte do país.

À medida que a vila se apresentava como um centro econômico promissor para a recepção de imigrantes europeus que para o Brasil se dirigiam (em especial alemães e suíços), as relações comerciais prosperavam e a localidade crescia em produção agrícola, em população e em desenvolvimento. Em 1933 foi elevada de Vila à categoria de Distrito Pedreira, pertencente ao Município de Joinville. A instalação do Distrito, no entanto, só se deu em 1939.

A industrialização, nova, que começava a se instalar, tomou proporções marcantes no século XIX, segundo os próprios “Relatórios anuais da Colônia Dona Francisca” ( Schmalz, 1989, p. 31). Até 1867 fábricas propriamente ditas não havia em

Pirabeiraba, contudo, a preocupação dos imigrantes em industrializar os produtos da sua lavoura demonstra que esses trabalhadores visavam a aquisição de riquezas que lhes possibilitassem mais que o consumo caseiro e alguns excedentes para pequenas trocas. Os tubérculos, o feijão e o milho, produtos locais, eram artigos que pouco se prestavam para a exportação devido aos baixos preços. Na verdade, não havia mercado abundante para a colocação direta de todos os produtos da lavoura tais como eram extraídos do solo. O esforço dos colonos em prol da melhoria de suas vidas os fez implantar, em suas propriedades, os mecanismos necessários para transformar os produtos agrícolas em comerciáveis e, para isto, buscaram acrescentar valor agregado aos produtos agrícolas. Nessa empreitada, trabalharam intensamente com a perspectiva da industrialização.

A partir destas iniciativas instalaram-se, em Pirabeiraba, engenhos de cana-de-açúcar, de socadores de arroz, de produção de farinha de araruta, moinhos de farinha de mandioca e moinhos de farinha de milho. O maior número de engenhos, segundo relatório de 1867, era movido por animais, outros, em menor quantidade, pela força d'água e somente dois eram movidos a vapor. A esses estabelecimentos, ligados diretamente à agricultura, somaram-se outros, mais aproximados com os princípios da industrialização (embora ainda rudimentares), tais como olarias, ferrarias e serrarias. A produção agrícola “primária” era comercializada nas “vendinhas” locais, pequenos estabelecimento comerciais onde compravam-se alimentos, os produtos “industrializados” localmente, calçados, tecidos, utensílios domésticos e agrícolas além de outros artigos mais.

Nesse período, os dois maiores estabelecimentos industriais da Colônia Dona Francisca estavam instalados em Pirabeiraba (Schmalz, 1989). Esses estabelecimentos continuaram sendo merecedores de especial destaque até o fim do século XIX: tanto a fábrica de açúcar e destilação; como a Serraria do Príncipe de Joinville.

Ainda, há que se destacar que a presença da agroindústria açucareira foi muito forte em Pirabeiraba. Mas, a industrialização da madeira foi a sua principal fonte de renda. A Serraria do Príncipe de Joinville, localizada na Estrada da Serra, era a maior empresa desse setor. De suas investidas, retiravam-se, da floresta (Mata Atlântica), as melhores madeiras de lei: cedro; araçá; peroba; canela; embuia; araribá; garuva e guarajuba. E dessas, as melhores tábuas serradas eram exportadas para Montevideu (Uruguai) e para a Argentina.

Na verdade, em Pirabeiraba o comércio da madeira prosperava desde a instalação dos primeiros imigrantes. A venda da madeira, empreendimento bastante difundido na localidade, era, muitas vezes, o meio de sobrevivência dos colonos enquanto aguardavam o ciclo das colheitas. Todavia, esta atividade sofreu uma brusca interrupção a partir de 1873, quando o corte de madeiras de lei passou a ser proibido pelo Governo Imperial. Segundo os dados registrados no Relatório da Colônia Dona Francisca (1878), nessa década dinamizou-se, na região, uma nova indústria: a de erva-mate, planta nativa e abundante no planalto norte catarinense e na Província do Paraná.

Devido a facilidade de exportação via porto de São Francisco do Sul e da necessidade de relações constantes com os centros compradores da erva-mate e de fora do Estado de Santa Catarina, estabeleceram-se, ao longo da Estrada Dona Francisca, vários engenhos de beneficiamento desse produto. As pequenas fábricas, portanto, cresciam lentamente. E, apesar das dificuldades, essas e outras indústrias cresceram e levaram Pirabeiraba ao desenvolvimento.

Atualmente, o Distrito de Pirabeiraba continua sendo um pólo centralizador das indústrias de pequeno, médio e grande portes do município de Joinville, variando em suas atividades e abrangências entre indústrias agrícolas, têxteis, metal-mecânicas, alimentares, dentre outras.

Atualmente, o Distrito de Pirabeiraba continua sendo um pólo centralizador das indústrias de pequeno e médio portes (e essencialmente de grande porte) do município de Joinville, variando em suas atividades e abrangências entre indústrias agrícolas, têxteis, metal-mecânicas, alimentares, dentre outras.

## **2) FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Ao se trabalhar com questões tão múltiplas e diversificadas como as abordadas nessa pesquisa que envolve ações da Educação Ambiental, da gestão ambiental comunitária e da história ambiental, procurou-se desenvolver procedimentos metodológicos que mais se aproximam dessa complexidade cultural e social. No caso, trabalhou-se com as variantes da pesquisa qualitativa. É importante ressaltar, como defende Minayo (2000), que a pesquisa qualitativa requer do investigador atitudes como abertura, flexibilidade, capacidade de observação e de interação com o grupo pesquisado, além de possibilitar fatores positivos, condições de readaptação e ajustes

dos instrumentos da pesquisa durante o transcorrer da mesma e, ainda, a possibilidade de revisão dos objetivos da investigação.

Em pesquisa qualitativa observar significa examinar em todos os sentidos um grupo de pessoas, um indivíduo dentro de um contexto ou uma instituição com o objetivo de analisá-lo(s) e descrevê-lo(s). Portanto, não é uma observação comum, mas, está voltada para uma questão previamente definida.

Neste sentido, a pesquisa qualitativa forneceu a base teórica para a pesquisa aqui em ponta e que abrangeu a aplicação de procedimentos metodológicos em diferentes frentes de atuação: ações culturais e didático-pedagógicas junto à crianças das escolas de ensino fundamental da localidade e aplicação de entrevistas individuais com idosos da comunidade (levantamento de “histórias de vida”). Esse último procedimento (as “histórias de vida”), sustentado na história oral conforme manifesta Thompson (1998), foi a base metodológica para a coleta das informações (as entrevistas individuais) que possibilitaram o desenvolvimento do estudo que embasa o presente artigo.

## **2.1 As histórias de vida**

Como referencial para esse estudo, o procedimento teórico-metodológico centrou-se na história oral. À história oral cabe o pressuposto de que o tempo está interrelacionado: pensar o passado a partir do presente, na busca de um entendimento do nosso tempo, dando atenção para a “outra história” (HOBSBAWN, 1990, p.18), para aquela que vamos construir. Esses ângulos se intercambiam em um mesmo plano, trazendo, de um lado, a formação de um corpo teórico metodológico e, de outro, a prática do trabalho de campo.

Nessa linha de discussão, outros aspectos ligados à história oral também geram pesquisas, em especial junto às pessoas-fontes e/ou comunidades onde se pode aplicar a técnica da entrevista semi-estruturada. A partir disto, promove-se a construção do conhecimento novo.

Como experiência concreta dessa prática, na pesquisa então executada os pesquisadores centraram-se, particularmente, no entendimento das histórias de vida, sobretudo, em sua elaboração e suas implicações, transformando as entrevistas realizadas em documentos escritos.

È importante ressaltar que em história oral a entrevista não se constitui isoladamente. Ela é parte integrante de um projeto pressuposto básico para a produção do conhecimento<sup>1</sup>. É no projeto que se delineiam as justificativas e os objetivos do estudo proposto.

A definição da população a ser pesquisada antecede à realização das entrevistas. A população-alvo forma-se a partir do estabelecimento de um grupo de pessoas ligadas por traços comuns. Os critérios para definição dos entrevistados podem estar vinculados a parâmetros como idade, sexo, condição social, etnia ou quaisquer outros pontos que se relacionem com os objetivos do projeto (MEIHY, 1998).

Em um trabalho de história oral que trata de histórias de vida, as informações dos entrevistados são de fundamental importância. Por isto as entrevistas não devem ser determinadas aleatoriamente, mas, deve-se ter o cuidado de se planejar entrevistas semi-estruturadas. Para tanto, busca-se pessoas que possuam um conhecimento abrangente sobre a história do grupo ou da região e que tenham condições de, juntamente com o entrevistador, fornecer as notícias que estão sendo procuradas.

As entrevistas, portanto, constituem-se em um momento de mútua observação. Segundo Thompson (1998, p. 256), “a leitura e a busca de informações básicas sobre assuntos que podem surgir instauram um clima de respeito e confiança recíprocos”. A história oral baseia-se na comunicação e na transmissão que leva à histórias de vida confiáveis e respeitadas. Histórias de vida, essas, que são base dos argumentos de análise e reflexão da pesquisa aqui descrita.

Nesse encaminhamento, portanto, e com o respaldo deste procedimento teórico, os investigadores procederam à execução das atividades da pesquisa foco deste artigo. Para tanto, dividiu-se a área habitada do Distrito de Pirabeiraba em dez zonas de estudo, distribuídas entre as zona rural e zona urbana. Nessas zonas, tomando-se como base o estudo de Bosi (1994), buscou-se moradores que tivessem mais de 60 anos de idade e com um mínimo de 50 anos de residência na região.

As entrevistas, gravadas, aconteceram nas residências dos seis entrevistados que atenderam aos critérios pré estabelecidos para a seleção. Essas entrevistas aconteceram durante o mês de outubro e somente foram iniciadas após um devido esclarecimento dos objetivos e metodologia da pesquisa, bem como com a assinatura, dos participantes, de

---

<sup>1</sup> Sobre esta questão ver o estudo de NEVES, Eloisa et al. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dh/neho/temporaes.htm>> Acesso em 03/06/2008.

um termo de consentimento respeitando-se, assim, as normas da ética em pesquisa.

### 3) A SAUDADE DOS OUTROS TEMPOS

Os entrevistados, numa faixa etária que variava entre 60 e 79 anos de idade, são todos nascidos na área da Bacia Hidrográfica do Rio do Braço, mais precisamente no Distrito de Pirabeiraba, de onde nunca saíram para morar em outra localidade, passando, ali, a infância, a adolescência e a fase adulta. No todo, os entrevistados são originários (e vivem ainda hoje) tanto do núcleo urbano como da zona rural de Pirabeiraba. As profissões que exerceram ao longo das suas vidas, consoantes com o nível de escolaridade, variam entre agricultor(a), costureira, motorista de caminhão e, numa exceção, um dos entrevistados, completou curso superior (economia) e trabalhou como analista de crédito empresarial.

Assim, como era o esperado (e previsto conforme os critérios da metodologia da pesquisa), os participantes da pesquisa ou nasceram na região ou então cresceram nos entornos da localidade objeto de estudo.

Na infância, esses entrevistados brincavam muito no mato, no rio ou no sítio. As brincadeiras variavam dentre jogar bola, roda de cantar, esconde-esconde, cabo de guerra, tomar banho no rio (rio do Braço), subir em árvores (para comer frutos), nadar no rio usando folha de bananeira como se fosse “canoa”, correr pelos campos, andar a cavalo, jogar bola de gude, descer morros em carrinhos de rodas de pau, jogos de xadrez (usando sementes de capiruvu) e, ainda, a moda do momento daqueles idos de 1930 à 1940: caçar passarinhos (fato este condenado pela sociedade de hoje). De todas essas brincadeiras, a ênfase dada pelos entrevistados recaiu nos folguedos que aconteciam no rio, em especial, no rio do Braço. As águas desse rio eram freqüentadas por todos.

Conforme Gramkow (2003, pág. 8), “até o final da década de 70 o rio do Braço possuía águas caudalosas e cristalinas”. Ou seja, foi somente após sofrer várias ações antrópicas tais como o desmatamento, poluição de origem orgânica e química, a alteração do seu leito com divisão em dois braços – o canal original e uma retificação servindo como vala condutora de esgoto e mineração - que a situação original alterou-se. A partir de 1994, devido ao conjunto dessas ações intervencionistas o rio, perene, transformou-se em intermitente, dependendo da água das chuvas para manifestar vida.

Dos entrevistados, todos freqüentaram a escola pelo menos até a 3ª série do ensino fundamental. Alguns poucos fizeram um ano a mais, até a 4ª série e somente uma pessoa chegou a completar o ensino superior. Em termos de lazer, esporte e cultura, pode-se dizer que os entrevistados na fase da juventude praticaram o lazer aliado ao esporte: iam a bailes; domingueiras (danças aos domingos a tarde); faziam piqueniques na beira do rio; tardes de natação no rio; escaladas ou subidas no Morro da Tromba (sempre na localidade); jogavam bola; participavam ativamente do “clube do bolão”; faziam festas de aniversário. Para os mais abastados, corridas de bicicleta. E, como os adultos, também praticavam a caça e a pesca. Hoje, disseram os entrevistados, além da Igreja e das visitas aos parentes e amigos, o lazer também leva-os a freqüentarem o “Clube de Idosos”, sempre em Pirabeiraba.

### **3.1) As histórias de vida: interação com o meio ambiente**

As falas desses entrevistados deixaram transparecer que durante a realização das diversas atividades que praticaram, em qualquer uma das fases de suas vidas, era intensa a interação entre o homem e o meio-ambiente. Não se apercebiam dessa relação, mas ela permeou as suas vidas.

Quando questionados sobre o que entendem por meio-ambiente, os entrevistados demonstraram-se leigos sobre esta questão. A associação com o meio-ambiente é feita diretamente com a natureza (plantas, animais, água, ar, solo, clima), com a preservação da mesma, com viver em lugar limpo, com o meio onde vivemos (todo o ecossistema), com a preservação do planeta, com bem estar e qualidade de vida, com ter saúde e lazer, com tudo que envolva a vivência do ser humano (ar, chuva, poluição, animais), com a sobrevivência da humanidade (condições básicas de onde se vive). Em termos mais estritos, o conceito que têm de meio-ambiente é amplo, generalizado, sem um fundamento teórico, mas valoriza a vida, o homem e a natureza.

Justifica-se esse entendimento “leigo” em termos da conceituação e diferenciação do que seja natureza, ambiente e meio ambiente. Se tornarmos natureza na versão de Lenoble (1969), percebe-se que afora o período de tempo distante no qual suas idéias foram pensadas (nos idos de 1969), a natureza que o homem conheceu e conhece, no espaço e no tempo, toma sempre um sentido diferente, segundo as épocas e os homens. Ou seja, o significado de natureza (ou da natureza) não é o mesmo para

grupos sociais de diferentes lugares e épocas na história. Nesse sentido, a natureza passa a ser pensada a partir das relações sociais.

Assim entendido, a expressão meio ambiente passa a agregar, em si, duas fortes conotações: “meio” e “ambiente”, onde se desenrolam as relações sociais. Nesse sentido, a palavra “meio”, que designa, como a define Silva (2004, p. 906), “a metade de alguma coisa ou o lugar entre os extremos de alguma coisa, de igual distância entre eles”. Portanto, entende-se *meio* o lugar onde se vive e a expressão *ambiente*, indica “o âmbito que nos cerca, o meio em que vivemos” (SILVA, 2005, p. 19). Logo, o estudo da percepção humana à questão do meio ambiente e da dimensão que pode atingir essa percepção, é de fundamental importância para que nos seja possível compreender melhor as inter-relações do homem com o ambiente, a água, a Terra, o desenvolvimento, o conjunto social e o próprio homem em si.

No caso da pesquisa aqui enfatizada, os entrevistados, por meio de suas histórias de vida demonstraram essa diferenciação de entendimento que têm de natureza considerando-se as situações afrontadas ao longo das diferentes fases de suas vidas e mesmo hoje. Porém, esses entrevistados ainda não têm clareza de como poderão perceber conceitualmente o termo. É também possível de encontrar-se essa constatação no estudo de Schmalz (1989), considerando-se que a autora realizou uma investigação histórica junto a essa mesma comunidade.

No entanto, o que importa, no caso deste estudo, é que os entrevistados têm noção, como manifesta Dulley (2004, p.17), que foi “a partir da natureza e do seu estudo sistemático que o homem foi construindo seu meio ambiente através do acúmulo de conhecimento sobre ela”.

Os entrevistados associam, ainda, o conceito de meio ambiente com a degradação desse ambiente (lixo e poluição nos rios – falta de coleta de lixo e tratamento de esgoto, desmatamentos – falta de valorização das florestas, queimadas), com limpeza das ruas, casas e terrenos (tirar o mato dos terrenos baldios), com a reciclagem e com a fiscalização (para que o meio ambiente não seja poluído), conscientização das empresas para que reduzam os níveis de barulho.

Há, neste ponto, uma outra questão teórica a ser examinada. Trata-se da conceituação de ambiente e de meio ambiente. Segundo Dulley (2004, p.20), ambiente é “a natureza conhecida pelo sistema social humano (composto pelo meio ambiente humano e o meio ambiente das demais espécies conhecidas)”. Nesse sentido, leva-se à compreensão de que ambiente é a capacidade do homem de pensar a natureza em seu

sentido amplo (envolvendo todas as espécies conhecidas), o que possibilita o entendimento de que todos os meios ambiente compõem o ambiente.

Assim, de acordo com a concepção expressa por esse conceito, quando os entrevistados falam em limpeza, reciclagem de lixo e em barulho como se esses fossem a representação da natureza, na verdade estão se referindo ao ambiente. Relacionam ambiente e homem, mesmo sem a clareza do que estão expressando.

Quanto ao significado de meio ambiente, há uma diferenciação conceitual a ser destacada. Conforme Dulley (2004), o meio ambiente é específico, e isto é de cada espécie e situação. Meio ambiente congrega os elementos do ambiente necessários à sobrevivência das espécies (incluindo, aí, a espécie humana). Nesse sentido, a relação que os entrevistados fazem do meio ambiente e qualidade de vida é a busca da interação ambiente- homem seja de ordem física, química e/ou biológica. Interação esta, que rege a vida em todas as suas formas.

E ao falar- se em vida, pensa- se em vida propulsora, pelo menos é neste sentido que os entrevistados expressam quando se referem à vida com qualidade. Qualidade de vida, hoje, tornou-se num tema de discussão ampla. Pode-se entender qualidade de vida como a dimensão que cada um escolhe para viver. É uma opção, uma tomada de decisão consciente. É por isso que qualidade de vida tem a ver com escolhas de bem estar, de acordo com os padrões de convivência social.

Se indagados sobre como era a natureza local nos idos tempos, os entrevistados são unânimes em dizer que quando de suas infância, juventude e fase adulta a mata era rica em biodiversidade e exemplificam que uma espécie dessa variedade, o cipó, chegou à extinção porque durante anos alimentou, sem reaproveitamentos ou recultivo, fábricas de vassouras da localidade. Portanto, enfatizam que a região possuía uma natureza exuberante, com rios de águas caudalosas e cristalinas, com muitos peixes e com árvores frondosas povoadas de aves e animais que, tendo em vista que se praticava a caça sem restrições, esses animais, principalmente lontras e aves como sabiás, rolinhas... eram caçados até quase à extinção tanto para alimentação como, e principalmente, para lazer. Hoje, em vista do fim desses recursos naturais (rios, peixes, florestas, animais e aves) lamentam as práticas indiscriminadas de caça, extração e pesca que faziam em épocas passadas e recomendam, aos jovens, o cuidado, e a preservação da natureza, do ambiente em geral, do meio ambiente..

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das informações coletadas durante a realização das entrevistas possibilitou uma abordagem ampla e diversificada do cenário em estudo. E, mais que levantar dados, reeditou-se a história da gente de Pirabeiraba e de suas representações e suas relações, diretas, com o rio do Braço e seu ambiente.

As falas dos entrevistados, as suas histórias de vida, sustentadas na história oral, conforme manifesta Thompson (1998), possibilitaram uma leitura das dificuldades, contradições, ansiedades e aspirações da comunidade. Os ecos – as repercussões – dessas falas foram significativas para a própria comunidade auto-refletir-se no que se refere às atitudes adotadas para com a natureza e para com o meio ambiente e, em especial, para com o rio do Braço.

Esta é uma questão que merece uma melhor reflexão. A nova concepção de mundo que se firma no presente século, baseada nos princípios da cidadania ecológica, da história do homem no seu *habitat*, do urbanismo e crescimento sustentável e da vida com bem estar, coloca a humanidade diante de questões fundamentais para a vida: a finitude e a fragilidade dos recursos naturais, em especial dos recursos hídricos. Conseqüentemente, coloca a humanidade frente a frente com a questão do cuidado especial com a vida. No atual momento da história da civilização depara-se, o homem, com a necessidade da coexistência com uma ética comportamental (um *ethos* global) que assegure, agora e no futuro, uma existência autêntica para todos os seres humanos.

Em vista dessa argumentação, há que se destacar a importância significativa do estudo para a região palco das atividades da pesquisa, em especial considerando-se o entendimento de que as reflexões em torno das práticas sociais em contextos urbanos marcados pela permanente degradação do ambiente construído e de seu ecossistema maior não pode prescindir da análise dos determinantes do processo. Nesse caso, também não prescinde dos atores envolvidos e das formas de organização social e alternativas de ação, pensando-se, sempre, numa perspectiva de sustentabilidade (CAVALCANTI, 1997).

Para a execução do estudo partiu-se da premissa de que, de uma forma geral, as comunidades urbanas ou próximas a centros urbanos têm níveis variados de consciência acerca dos problemas ambientais, sendo o desafio, portanto, como afirma Jacobi (2000, p.172), o de capturá-la de forma a que se possa gerar um processo sensibilizador e, com isto, expandir o seu alcance.

Os participantes da pesquisa foram idosos que viveram todas as fases de vida da localidade e da sua relação com o rio, e nesse sentido expressaram sua capacidade de refletir os anseios comuns ao seu meio social próximo, como seu potencial de influência nas discussões junto ao seu entorno.

Jacobi (2003) destaca que a produção de conhecimento inerente às pesquisas científicas, deve, necessariamente, no âmbito da Educação Ambiental, contemplar as inter-relações do meio natural com o social, incluindo, além da análise dos determinantes do processo, também o papel dos diversos atores envolvidos e as particulares formas de organização social.

Cientes da amplitude e da diversidade de abordagens de pesquisas na área da Educação Ambiental, nesta investigação, por meio do resgate das histórias de vida com a busca da revitalização do rio do Braço, procurou-se abordar as questões do meio ambiente, da história patrimonial, social e cultural além das questões da gestão ambiental comunitária da localidade estudada.

## **REFERÊNCIAS**

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CAVALCANTI, C. (Ed.) **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. São Paulo: Cortez/Fundação Joaquim Nabuco, 1997.

DULLEY, R. Domingues. *Noção de natureza, ambiente, meio ambiente, recursos naturais*. In: **Revista Agricultura**, V. 51 n. 2, p. 15-26 julho/dez.2004

GRAMKOW, Nilsa S. e ROTARY CLUB JOINVILLE – PIRABEIRABA (Org). **Projeto de Revitalização do Rio do Braço**. Joinville: 2003.

GUIMARÃES, Mauro. **A Dimensão Ambiental na Educação**. São Paulo: Papirus Ed., 2003.

HOBSBAWN, E. **A outra história - algumas reflexões**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

JACOBI, Pedro Roberto. **Cidade e meio ambiente: percepções e práticas em São Paulo**. São Paulo: Annablume, 2000.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação Ambiental, cidadania e sustentabilidade. In: **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, p. 189-205, março/2003.

LENOBLE, R. **História da idéia de natureza**. Lisboa: Edições 70, 1969.

MEIHY, José Carlos S. Bom. **Manual de História oral**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1998

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2000.

MINAYO, M. C. de Souza (Org); DESLANDES, S. Ferreira; GOMES, Romeu **Pesquisa Social** – teoria, método e criatividade. 25ª ed. revista e atualizada. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2007

NEVES, Eloisa et al. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dh/neho/temporaes.htm>  
Acesso em 03/06/2008.

SCHMALZ, Odete. **Um ducado francês em terras principescas de Santa Catarina**. Joinville: FURJ, Monografia de Especialização em História da América, 1989.

SILVA, José Afonso da. **Direito ambiental constitucional**. 5. ed. São Paulo: Malheiros, 2004.

SILVA, De Plácido e. **Vocabulário jurídico**. Atualização de Nagib Slaibi Filho e Gláucia Carvalho. 26. ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 2005

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 2ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1998.